

CONSTITUIÇÃO DO IMAGINÁRIO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE O USO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS TÊM A NOS ENSINAR?¹

Eloísa de Souza Borkenhagen Bohrer², Maria Regina Johann³, Maria Simone Vione Schwengber⁴

¹ Artigo produzido como requisito da disciplina: A desigualdade no Brasil pelo viés da arte, da literatura, da imagem e do cinema, do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, no segundo semestre de 2022.

² Aluna do curso de Doutorado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

⁴ Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

RESUMO

Neste artigo, objetivamos discutir a formação inicial em Educação Física a partir de uma aproximação com a racionalidade neoliberal, considerando, especificamente, seus efeitos na constituição do imaginário profissional brasileiro (2022) acerca da área e nos modos como os sujeitos experienciam a formação. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, inspirado na análise do discurso de Foucault (2012), cuja produção dos dados se deu no mês de outubro de 2022 a partir da seleção de 2 perfis de acadêmicos de Educação Física na rede social digital *Instagram*, que fazem parte da rede de contatos das pesquisadoras e que tiveram destaque considerando a frequência de postagens com objetivo de divulgar suas rotinas de experiências profissionais. Os resultados apontam para: a) visão objetificada de corpo centrada na dimensão estética que resulta em modos de olhar para a corporeidade masculina e feminina estereotipados; b) sentidos restritivos em relação ao envolvimento dos sujeitos com práticas corporais. Evidências que configuram nossa defesa de um *ethos* formativo embebido no cuidado de si foucaultiano que aposta no autoconhecimento, nas modificações de si como âncoras para outros modos de viver a profissionalidade.

Palavras-chave: Cuidado de si. Educação Física. Instagram. Identidade profissional. Racionalidade neoliberal.

ABSTRACT

In this article, we aim to discuss initial training in Physical Education from an approximation with neoliberal rationality, specifically considering its effects on the constitution of the Brazilian professional imaginary (2022) about the area and the ways in which subjects experience training. This is a qualitative study, inspired by the analysis of Foucault's discourse (2012), whose data production took place in October 2022 from the selection of 2 profiles of Physical Education students on the digital social network Instagram, who are part of the researchers' contact network and who stood out considering the frequency of posts with the aim of disclosing their professional experience routines. The results point to: a) objectified view of the body centered on the aesthetic dimension that results in stereotyped ways of looking at male and female corporeality; b) restrictive meanings in relation to the subjects' involvement with bodily practices. Evidences that configure our defense of a formative ethos

embedded in Foucauldian self-care that bets on self-knowledge, on self-modifications as anchors for other ways of living professionalism.

Keywords: Take care of yourself. Physical education. Instagram. Professional identity. Neoliberal rationality.

INTRODUÇÃO

Os efeitos da racionalidade neoliberal nos modos de educação e de subjetivação que têm sido produzidos a partir da sua capilarização no cenário educacional brasileiro têm basilado estudos como os de Saviani (2000), Gatti (2010), Martins (2010), Beltrão e Taffarel (2017), Dardot e Laval (2019). Trata-se de uma política que estende a racionalidade do mercado dos domínios da economia para todo o corpo social, inclusive para a educação. Daí a presença de termos da cultura empresarial como empreendedorismo, inovação, liderança, gestão de carreira em proposições de reestruturação curriculares, tanto em espaços escolares como na formação inicial no ensino superior (foco desta análise).

Entre outros aspectos, o que se tem visto são proposições de educação enxutas, aligeiradas, excludentes e de qualidade social duvidosa (SOARES; LOMBARDI, 2018). O respaldo para uma formação com tais princípios se vincularia a esforços individuais e a um conjunto de tecnologias de subjetivação associadas à construção de uma identidade específica: a do Eu S/A ou do sujeito empreendedor de si mesmo (NUNES; NEIRA, 2018).

Neste sentido, um possível efeito poderia ser o uso cada vez mais frequente das redes sociais digitais como estratégias de marketing pessoal e profissional, ou seja, como forma de produzir efeitos de valorização de si. Os conteúdos que nelas são veiculados, se tomados como práticas de discurso, numa inspiração foucaultiana, podem constituir indícios significativos para uma análise acerca daquilo que povoa o imaginário dos sujeitos sob diferentes aspectos, e no caso deste estudo, nos interessa o imaginário profissional.

Desta forma, a pergunta que nos move é: de que modo o uso das redes sociais digitais empreendido por acadêmicos de Educação Física pode auxiliar na investigação acerca dos desafios da formação inicial, considerando os efeitos da racionalidade neoliberal na constituição do imaginário profissional da área nestes sujeitos? Nosso objetivo é problematizar, assim, a desnaturalização da racionalidade neoliberal enquanto desafio para uma profissionalização em Educação Física cuidadosa e crítica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, inspirado na produção foucaultiana sobre discurso (FOUCAULT, 1980), elaborada a partir da seleção e análise de postagens em formato de *stories* na rede social *Instagram* de acadêmicos de Educação Física (perfis públicos, “seguidos” pelas autoras deste estudo) vinculadas ao âmbito da atuação profissional na área. O acompanhamento dos perfis se deu no mês de outubro de 2022.

A rede social digital *Instagram*, inicialmente, é um aplicativo de celular gratuito utilizado para postagens rápidas de fotos e vídeos. O *Instagram* é uma rede de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter.

No referido período, realizou-se um acompanhamento diário acerca das postagens desses sujeitos. Ao todo eram 25 perfis, incluindo acadêmicos da Licenciatura e do Bacharelado em Educação Física. Os critérios que permitiram selecionar os perfis consideraram: postagens nas quais eram manifestadas exclusivamente percepções/posicionamentos sobre o que estaria permeando o sentido da atuação profissional, o número de seguidores superior a mil e a frequência das postagens (ao menos três vezes na semana).

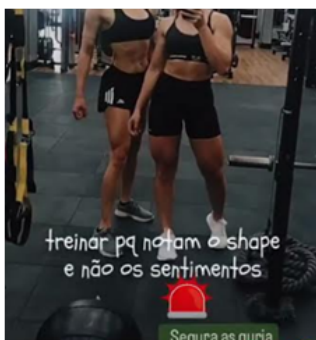
Deste modo, 2 perfis se destacaram de forma significativa, realizando uma média de 5 postagens por semana - casualmente, um perfil masculino (5.457 seguidores) e um feminino (com 4.489 seguidores) ambos, com atuação no âmbito do Bacharelado (em academia de musculação) cujas frequência das postagens aconteceu, normalmente, mais de uma vez ao dia.

Escolhemos o *Instagram* como locus de análise, uma vez que o visualizamos como um espaço público, que possibilita uma movimentação política pelos sujeitos sociais (CASTELLS, 1999) e pelos discursos que vão sendo produzidos e reproduzidos no imaginário social. As mídias digitais, juntamente com a internet, trouxeram para os sujeitos sociais diferentes modos de interação (SOUSA, 2011). O *Instagram* recorre a um código de linguagem visual e textual para a transmissão de determinadas mensagens culturais – e também subjetivas –, com a criação dos conteúdos visuais, sejam eles imagens, montagens, vídeos ou fotografias, entre outros.

O discurso para Foucault (2010) é uma produção histórica e coletiva e é isso que define tanto o lugar de sujeito quanto os sentidos possíveis dos enunciados linguísticos que

pode ser acessada a partir de um exercício de análise. A partir dessas indicações teórico-metodológicas, organizamos os dados e análise em categorias, as quais entendemos também, que se constituem desafios a serem problematizados no contexto da formação inicial em Educação Física. Elas são descritas na sequência.

Os sentidos atribuídos ao envolvimento com práticas corporais: “*Treinar porque notam o shape, não os sentimentos!*”



Rotinas de treinos exaustivos, de alimentação ultra balanceada (regada a alimentos selecionados, cuidadosamente preparados e pesados) e que por vezes é potencializada pelo uso de suplementos alimentares; supervisão de treinos de alunos/clientes com a exibição de fotos e/ou vídeos que evidenciam determinadas partes do corpo enquanto realizam certos tipos de exercícios (no caso de mulheres, os glúteos, e dos homens, o bíceps); exposição de corpos seminus ou com trajes que super evidenciam os avanços estéticos construídos tanto no próprio corpo, como no corpo de seus alunos/clientes, resumem boa parte das postagens acompanhadas ao longo da investigação nos perfis da rede social digital *Instagram* selecionados para a produção deste estudo.

São evidências que se somam a postagens de frases emblemáticas usadas como legendas de fotos e/ou vídeos, como a que apresentamos no título desta seção, além de outras como “*Projeto Monstrinho!*” - referindo-se a foto do acadêmico que registra avanços nos ganhos de massa muscular, ou ainda, a frase “*O que você quer neste verão? Eu, não quero passar vergonha!*”.

Nesta categoria de análise destacamos a atribuição do que parece ser o único sentido aceitável para o envolvimento dos sujeitos com as práticas corporais: “queimar” calorias. Emagrecer, hipertrofiar são palavras de ordem no universo dos sujeitos que precisam ser fisicamente ativos se quiserem gozar de boa saúde e qualidade de vida. Não queremos com isso desdizer estudos científicos como Nahas (2006), Gonçalves (2004), Lovisolo (2002) entre outros, que comprovam a relação de uma vida ativa fisicamente com a construção de certas condições de saúde, mas queremos, sim, lembrar que estes mesmos estudos têm evidenciado que o conceito de saúde não se resume apenas à ausência de doenças - ela está

condicionada a um conjunto de fatores e, muitos deles, não dependem apenas de deliberações individuais do sujeito acerca da exercitação.

Quem sabe não estaria na hora de nos perguntarmos: o que nos move? Quais significados nos mobilizam? Será que as pessoas correm, jogam, fazem sexo etc., apenas para “queimar calorias” (moeda universal da salvação do corpo)? Por que não enfatizar o caráter gregário, lúdico, prazeroso que pode ter uma atividade física? Enfim, precisamos pensar sobre o modo como temos promovido a atividade física com pretensões de construir uma vida saudável. Aliás, em que medida o nosso conceito de saúde não continua preso a um biologicismo que não dá conta do humano? Há que pensar (FENSTERSEIFER, 2009, p. 108).

Beleza, juventude e potência têm se disseminado como constituidoras do que parece também ser a única relação aceitável dos sujeitos com seus corpos, chegando inclusive a superar as preocupações com a saúde no horizonte de uma vida ativa fisicamente, tanto dos alunos/clientes quanto dos educadores físicos/empresários. Vivemos tempos em que a aparência física resume um dos aspectos mais relevantes no mundo da exibição e que tem nas redes sociais uma ferramenta fundamental.

O corpo é nosso cartão de visitas, o que no imaginário neoliberal significa *status* social, disciplina, foco e, isso, por sua vez, gera uma imagem positiva acerca do sujeito e de como este, conduz sua vida em todos os sentidos, inclusive, profissionalmente (talvez aqui, o ditado popular “Uma imagem vale mais do que mil palavras”, represente mais claramente, o valor que se atribui à ela neste tempo vivido). A questão do corpo na sociedade com tendências neoliberal e capitalista “está profundamente marcada por uma cultura que o valoriza enquanto individualidade, capacidade de decisão, autonomia, liberdade, mas ao mesmo tempo produto cultural” (TRASFERETTI, 2008, p. 128). Neste imaginário neoliberal,

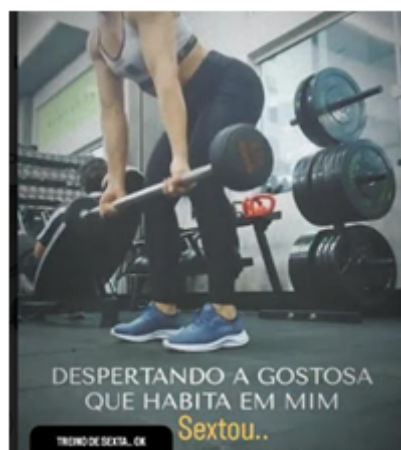
“(…) o corpo não pertence à pessoa, mas às regras e orientações, artifícios e disfarces do mundo social, de modo que procuram ajustar seus corpos (aparência física e conduta) aos cânones da moral oficial numa clara tentativa de se autovalorizar a partir das regras sociais impostas pelo meio” (TRASFERETTI, 2008, p. 127).

Trata-se de um valor hegemônico a partir do qual se constrói o sujeito Eu S/A. Ele é um sujeito governável, que internaliza as normas sociais e se autogoverna nessa empreitada (NUNES; NEIRA, 2018). Segundo Foucault (2008), seria, assim, fundamental, metodologicamente, distinguir o sujeito causado como um efeito contingente pela linguagem

da “subjetividade” produzida pelos dispositivos de poder a ela implícitos e constitutivos. Se esta distinção não ocorrer, é impossível cortar o círculo. O lugar de onde vem o sujeito é feito de linguagem e, assim, de discursos e neles estão representadas relações de saber e de poder. Isso poderia ressignificar o horizonte ético dos futuros profissionais da área para a transgressão, na direção de tudo aquilo que o envolvimento com as práticas corporais pode ser para os sujeitos, e que não tem tido vez nessa cultura “coisificada”, narcisista, egocêntrica, exibicionista e esquadrinhadora de corpos na qual vivemos, nem tão pouco, nas atuações profissionais na área.

Percepções acerca da corporeidade feminina e masculina: “Despertando a gostosa que habita em mim”, porque “Minha motivação é o que vejo no espelho e como quero estar”

Nosso segundo elemento analítico trata-se do olhar para a corporeidade feminina e masculina marcado pela desigualdade nas representações e práticas que incidem entre elas, fortemente atrelado a estereótipos que estudiosos ligados ao feminismo, como Butler (2003), têm buscado contemporaneamente desconstruir. Para tanto, apresentamos duas postagens nos perfis investigados como disparadores da problematização proposta neste tópico analítico.



DESPERTANDO A GOSTOSA
QUE HABITA EM MIM

Sextou..



Minha motivação é o que vejo no espelho
e como quero estar.

As postagens selecionadas resumem o teor daquilo que parece tecer um padrão que foi possível identificar no conjunto geral dos perfis seguidos, incluindo aqueles que não compuseram o escopo dos dados desta pesquisa. Em se tratando da exibição do corpo feminino é possível traçar uma vinculação do gênero à sensualidade e à beleza como atributos “morais”, ou seja, socialmente esperados das mulheres. Nesse sentido, a mulher é reduzida a “mero objeto descartável, cujo realce promove uma deseducação do olhar, de tal modo que

passa a ser vista como um atraente naco de carne no açougue virtual” (ZOBOLI; SILVA; NUNES, 2010, p. 4).

Da mesma forma, quando se trata da exibição do corpo masculino percebe-se que a demonstração de força, virilidade e excesso assumem a centralidade seguida de um semblante de seriedade, que provoca uma sensação de intimidação, brutalidade, exercícios metafóricos ou literais, da violação. Assim, percebe-se um crescimento significativo da cultura do *body-building* - prática também conhecida como fisiculturismo. Algo que tendencialmente parece ter se constituído como o destino dos corpos masculinos fisicamente ativos.

Tais evidências vão ao encontro do que Butler (2003, p. 26) afirma quando se refere ao conceito de gênero que o movimento feminista empreende o qual permite entender por que “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” dos corpos masculinos e femininos. São modos de olhar para as corporeidades que reduzem a condição humana ao exibicionismo puro, em que os avanços estéticos denotam um tom de moralidade que, quando não problematizada, naturaliza-se, dando vazão para o preconceito e a exclusão do todos corpos que não conseguem (ou quem sabe nem desejam) o esquadramento anatômico como sentido para viver sua corporeidade.

Mas é preciso ir além, na direção de uma problematização dos efeitos disso na constituição do imaginário social quanto à representatividade dos gêneros nas atuações profissionais em Educação Física. Partimos do princípio de que toda e qualquer atuação profissional tem responsabilidade ética, social e política na construção do mundo comum. Entendemos também, que a dimensão subjetiva atravessa a profissional e vice-versa. Ora, o que se poderia esperar de atuações profissionais em que os próprios sujeitos-profissionais têm uma visão tão machista acerca dos gêneros? No mínimo, o ciclo “vicioso” se mantém, sem resistência. Entre tantas problematizações possíveis diante desta evidência, vemos como a mais oportuna, considerando o objetivo desta pesquisa, aquela que provoca o olhar para si num movimento de questionamento e modificações acerca daquilo que tem sustentado nossas crenças em relação aos gêneros, e que nos constituem.

Acreditamos que análises desta natureza, encontram na formação inicial um tempo-espço de estudos e reflexões que podem desencadear processos de conscientização – individual, coletiva e institucional – a respeito das representações acerca dos gêneros, da

desigualdade social a eles atrelada, ampliando o rol de informações disponíveis para seu enfrentamento e para as modificações de si. Na área da Educação Física, há lugares, profissionalmente falando, que as mulheres ainda são *personas non gratas*¹ - a área do treinamento esportivo, da preparação física, por exemplo, são território masculino. E posicionamentos como os que encontramos nas postagens dos acadêmicos, tendem a não oferecer resistência, nem tão pouco abertura para mudanças neste cenário.

Corroborando com isso, Souza de Oliveira (2004) afirma que a falta de poder da mulher na sociedade reduz a credibilidade de seus atos, impondo-lhe a necessidade de constantes ações afirmativas. Sendo assim, ao longo de suas vidas, são subestimadas e questionadas sobre as habilidades e conhecimentos que possuem para desenvolver determinadas atividades. Por isso, as postagens analisadas preocupam, pelo fato de se mostrarem como um movimento de consentimento frente a discursos sexistas e machistas que tendem a objetificar o corpo feminino, hipersexualizá-lo, fossilizando-o como instrumento de obediência e de reafirmação da supremacia do homem - reforçam que seu melhor atributo é o de ser bela. Estão aí, também, implícitas, uma série de privações sociais que um discurso como esse produz aos sujeitos.

Entendemos que a noção de governamentalidade neoliberal revela uma série de dispositivos para o governo da vida que, por produzirem seus efeitos no modo de constituição dos sujeitos, merece ser colocado no horizonte da formação inicial, não somente da Educação Física. O que relatamos e analisamos neste artigo até aqui, revela um conjunto de precariedades que encontram na racionalidade neoliberal uma ancoragem para seu fortalecimento, em especial, no esvaziamento ético e na inteligibilidade diferencial de determinadas formas de vida. Eis aí o horizonte que se necessita ensinar a ver.

É preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um êthos, uma via filosófica em que a crítica do que nós somos, é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível (Foucault, 2008, p. 351).

Os currículos de formação inicial embebidos na racionalidade neoliberal nos atingem de forma global e local, estabelecendo um padrão único de formação, para universidades e escolas, como se fossem iguais (DAL'IGNA; FABRIS, 2015). “Uma proposta de formação

¹ É uma expressão em latim utilizada para indicar alguém que não é bem-vindo.

que deseja produzir outros efeitos, outros modos de ser e de agir, não pode ser gestada por concepções dessa ordem. Esse espaço de autoformação, de trabalho sobre si mesmo, será sempre muito reduzido ou inexistente nessa concepção de formação” (DAL’IGNA; FABRIS, 2015, p.).

Dal’Igna e Fabris (2015) defendem a ideia de que na racionalidade neoliberal, o conceito de formação que se fortalece é o de formação como um posicionamento estratégico de mercado. Por isso, têm se caracterizado pela rapidez e “[...] que pode ser comprada em pacotes e subsidiada em suaves prestações” (DAL’IGNA; FABRIS, 2015, p.81). A formação sempre está vinculada à um *ethos*, e este necessita ser construído sob bases sólidas de compreensão e esclarecimento teórico. Assim, mesmo diante de tão importante evidência há que pensar que a formação inicial pode se constituir numa outra via, podendo funcionar como princípio de transformação - como um exercício de transformação de si. Por isso, Foucault (2008) aproxima ontologia e *ethos*, procurando ressaltar a ontologia como atitude, como ação, como prática. Trata-se, assim, de pensar a formação inicial como um *ethos* capaz de operar em outras bases da vida dos sujeitos.

Por esse motivo, assim como Dal’Igna e Fabris (2015, p. 85) também acreditamos na necessidade de criar espaços no interior dos processos de formação inicial que possibilitem que cada um se relacione consigo mesmo durante seu processo de formação. Isso se sustenta em operações que o próprio sujeito empreende sobre si mesmo, modificando seus modos de ser e agir.

Esta é uma perspectiva teórica que se aproxima da noção de cuidado de si inaugurada por Foucault (2004). O cuidado de si é entendido como uma disposição do sujeito em ocupar-se de si mesmo, numa tentativa de compreender como chegou a ser o que é, as verdades que sustentam sua subjetividade e as possíveis atitudes de mudanças ou modificações que tal movimento produz no próprio sujeito. Ou seja, trata-se de uma atitude do sujeito em inquietar-se, ocupar-se, preocupar-se consigo mesmo e com os outros ou, ainda, com o mundo no campo profissional. Nesta perspectiva teórica defendemos aqui, a noção de formação inicial cuidadosa, como aquela que se abre as experiências de si num movimento de autoconhecimento e de modificações de si.

Considerando as evidências produzidas nesta pesquisa, entendemos que tal posicionamento poderia ser uma saída para a desconstrução dos estereótipos que encharcam o

imaginário social acerca da função da Educação Física, nas concepções de corpos masculinos e femininos, da saúde humana, da qualidade de vida e das atuações profissionais na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar a formação inicial não é nem nunca foi tarefa simples, mas entendemos que esse seja também o compromisso ético e político daqueles que fazem dela sua profissão. Não há como pensá-la de modo potente sem aproximá-la dos desafios do mundo vivido. É isto que nos moveu na direção de discutir esse tempo-espço que é a formação inicial em meio às políticas neoliberais que têm produzido efeitos de verdade no processo de constituição dos sujeitos-profissionais.

Pensar as possibilidades de uma formação inicial em Educação Física embalada pelo cuidado de si é o mesmo que defender um determinado *ethos* formativo que valoriza a dimensão política, o debate, o enfrentamento e produz transformações. Este *ethos* valoriza também a problematização, pois, “sem tensionamentos que nos levem a entender como as verdades foram construídas, não é possível viver a formação como um *ethos*” (DAL’IGNA; FABRIS, 2015, p.86).

O campo das atuações profissionais também é um lugar de formação de *ethos*. Há que se pensar no que os nossos estão se sustentando, e, conseqüentemente, que testemunhos e exemplos estamos a construir na aproximação profissional com outros sujeitos. A área da Educação Física historicamente enfrentou diferentes crises que estiveram a produzir seus efeitos na construção de sua identidade social. Pensamos que estamos num limite desafiador que, apesar de ter teto de vidro, é resistente, mas que pode ser colocado a prova desde que tenhamos o desejo de abandonar à minoridade (incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo) e que as soluções para isso, para serem viáveis, precisam ser produzidas pelos sujeitos nela envolvidos (FENSTERSEIFER, 2009).

Há que se pensar sob à luz de um *ethos* formativo que permita aos sujeitos entender e não apenas atender as responsabilidades nos espaços de intervenção do campo profissional, sem ignorar as dimensões ético-políticas que atravessam nosso fazer, assumindo nosso compromisso com o mundo, como nos alerta Fensterseifer (2009). Para além da legalidade profissional, precisamos construir sua legitimidade e isto, pode encontrar eco numa proposta de formação inicial cuidadosa, ou seja, aquela capaz de criar formas para o sujeito

compreender-se, bem como, compreender os outros e o mundo que o cerca e, assim, ser testemunho de resistência pela humanização da vida de todos. Uma formação que auxilie a viver uma vida interessante, além de um desempenho performático que visa o preenchimento de um padrão estético que move-se ao sabor dos ventos (ou do mercado)!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CASTELLS, M. A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Vol. I.

SOUSA, C. A. M. Novas linguagens e sociabilidades: como uma juventude vê novas tecnologias. *Interacções*, Brasília, v. 7, n. 17, p. 170-188, 2011.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; FABRIS, Elí Henn. Constituição de um ethos de formação no Pibid/Unisinos: processos de subjetivação na iniciação à docência. *Educação Unisinos* 19(1):77-87, janeiro/abril 2015. DOI: 10.4013/edu.2015.191.07. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276443998_Constitution_of_an_education_ethos_in_PibidUnisinos_Subjectivation_processes_in_initial_teacher_training. Acesso em: 18 ago. 2023.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Formação em educação física: para sair da minoridade. In: KRUG, H. N.; PEREIRA, F. M.; AFONSO, M. R. (org.). *Educação física: formação e prática pedagógica*. Pelotas: UFPel, 2009. p. 103-119.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* (25a ed.). São Paulo: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 21o edição, Edições Loyola, São Paulo, 2012.

NUNES, M. L. F.; NEIRA, M. G.. EU S/A: a identidade desejada na formação inicial em Educação Física. *Educação e Pesquisa*, v. 44, n. Educ. Pesqui., 2018 44, p. e174633, 2018.

SOARES, Marcos de Oliveira; LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. O desafio da formação de professores sob a lógica da racionalidade neoliberal: A necessidade da formação política. XV Coloquio Internacional de Geocrítica Las ciencias sociales y la edificación de una sociedad post-capitalista Barcelona, 7-12 de mayo de 2018. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/XV-Coloquio/SoaresLombardi.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOUZA DE OLIVEIRA, Gabriela A. Mulheres enfrentando o desafio da inserção, ascensão e permanência no comando de equipes esportivas de alto nível. In: SIMÕES, Antônio C.; KNIJNIK, Jorge D. (org.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p. 319-335.

TRASFERETTI, J. Corpo e Cultura no contexto da sociedade brasileira. *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, v. 11, n. 1, p. 126–137, 2009. DOI: 10.5216/c&i.v11i1.7498. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/7498>. Acesso em: 18 ago. 2023

ZOBOLI, Fábio; SILVA, Renato Izidoro da; NUNES, Camila da Cunha. O CORPO NO CONTEXTO NEOLIBERAL: A MOEDA CORPO. *Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte*. | UIVALI – Itajaí– SC 23 a 25 de setembro de 2010) Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/vcsbce/vcsbce/schedConf/presentations>.